

Alimentando o luto: uma pesquisa sobre as comidas servidas nos velórios de Entre Rios de Minas e Belo Horizonte*

*Feeding grief: a research on food served
in funerals in Entre Rios de Minas and Belo
Horizonte*



RESUMO

Este relato busca apresentar minha experiência no estudo da comensalidade nos velórios antigos e atuais em Entre Rios de Minas em comparação com igual prática nos velórios promovidos pelas funerárias de luxo em Belo Horizonte. Circunscrita na área de conhecimento da Memória Social, a pesquisa também dialogou com a História Cultural e a Sociologia. A partir do uso de metodologia da História Oral foi possível apreender a dimensão cultural do serviço de comidas e bebidas nos velórios antigos, além da mercantilização do morrer, promovida pela chegada das casas funerárias, que transformou essa tradição. Ao longo da pesquisa realizada foi possível identificar a resignificação da tradição antiga de compartilhar comidas e bebidas nos velórios.

Palavras-Chave: Comida de velório – Comensalidade – Rituais funerários – Funerárias – Minas Gerais

ABSTRACT

This report presents my experience in a study about commensality in the ancient and current funerals in Entre Rios de Minas, compared to the same practice in the funeral services promoted by the luxury funeral homes in Belo Horizonte. Circumscribed in the knowledge field of Social Memory, this research also dialogues with Cultural History and Sociology. Using the methodology of Oral History, it was possible to apprehend the cultural dimension of the food and beverage service in the old funerals and how the commercialization of death, promoted by the arrival of funeral homes transformed this tradition. Throughout this research it was possible to identify the re-signification of the old tradition of sharing food and drink in the wakes.

Keywords: Funeral food – Commensality – Rite of passage – Funeral houses – Minas Gerais

* Esse artigo é uma versão ampliada e revisada do trabalho apresentado no XXIX Simpósio Nacional de História - ANPUH e no XII Encontro Regional Sudeste de História Oral, ambos em 2017.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da USP, com período em sanduíche em andamento na University of Illinois at Urbana-Champaign, UIUC, Estados Unidos. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Memória social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS-UNIRIO). CV: <http://lattes.cnpq.br/8610898402125219>



A infância vivida entre as cidades de Belo Horizonte e Entre Rios de Minas despertou, já na vida adulta, um olhar mais profundo para a comensalidade nos velórios desses dois locais. A curiosidade sobre o tema e a vontade de transformá-lo em uma pesquisa acadêmica, a princípio, tinha como obstáculo a obtenção de informações difíceis de serem encontradas em documentos ou outras fontes escritas. A História Oral, então, foi a metodologia mais adequada para desenvolver minha pesquisa. Contudo, ir a campo e entrevistar pessoas diversas tem os seus desafios e é com o intuito de apresentar a experiência que vivi no desenvolvimento da investigação que apresento o presente relato, procurando pontuar a minha adequação aos aspectos metodológicos da História Oral. Com isso, divido com o leitor não só os resultados da pesquisa, mas também o caminho percorrido para os alcançar.

Comer em um velório é o mesmo que botar o dedo na ferida da morte. A morte do outro faz lembrar a nossa própria morte, abalando as crenças defensivas na imortalidade. Para garantir o dia de amanhã, os partícipes do rito fúnebre assumem que será preciso um “combustível” para manterem-se vivos, dissociando-se, assim, da imagem do corpo morto. Contudo, seria demasiadamente simplista o pensamento de que o ato de comer nos rituais fúnebres resume-se apenas ao “apetite de viver” dos enlutados e à intenção de manter as forças para enfrentar as longas horas do cortejo. A comensalidade nos velórios, o “comer junto”, que envolve o que as pessoas comem, como comem e porque o fazem também está relacionado a questões culturais, religiosas, econômicas e psicológicas.

Servir comidas e bebidas em velórios é um costume antigo que, segundo Câmara Cascudo (1983, p. 17), teve início no Egito Antigo. A partir de então, o hábito se espalhou e os banquetes fúnebres passaram a integrar os deveres domésticos, não somente no Egito como na Grécia e em Roma. Recebiam esses alimentos os vivos e os mortos, aos quais eram oferecidas bebidas, doces, pão, carne, deixando-os no túmulo ou atirando-os para dentro. Nas camadas populares, o velório era agitado, barulhento e abundante: bebia-se em grande quantidade, falava-se alto e os gestos eram menos contidos. Enfim, esse ritual espalhou-se pelo mundo, chegando até Portugal.

Ao que tudo parece, esse costume encontrou um terreno frutífero naquele país, uma vez que, para os portugueses, o convívio por intermédio da comida, o “comer junto” é a fórmula mais antiga de sua cordialidade. Lopes (2012, p. 133), ao descrever as comidas ritualísticas de Portugal entre os anos de 1850 e 1950, afirma que os alimentos e bebidas servidos nos velórios tinham a intenção de prover algum sustento aos que passavam a noite sem dormir, velando o corpo. Os pratos servidos na ocasião variavam entre as regiões do país, como: bacalhau cozido com batatas em Ponte de Lima e canja de galinha em Castro Verde, no Alto Minho do século XIX comia-se pão, vinho e sardinhas ou, na falta desses, bacalhau. Ao que tudo parece, esse costume encontrou um terreno frutífero naquele país, uma vez que, para os portugueses, o convívio através da comida, ou seja, o “comer junto” é a fórmula mais antiga da sua cordialidade.

Ao virem para o Brasil, os colonos portugueses difundiram o hábito de servir comida nos velórios em várias regiões do país. Esse costume perdurou em muitas cidades pequenas brasileiras até pelo menos a década de 1980, como é o caso de Entre Rios de Minas (MG).



Outras pesquisas realizadas no agreste e no sertão nordestinos, em Curitiba e no interior do Vale do Jequitinhonha confirmam o quanto essa prática ainda era difundida em grande parte do Brasil até, pelo menos, a segunda metade do século XX (Hoffmann-Horochovski & Rasia, 2011; Tavares, 2012; Silva e Medeiros, 2016).

Na pesquisa com foco no estado de Minas Gerais, circunscrita ao campo de conhecimento da Memória Social, busquei apreender as memórias sobre a comensalidade em velórios antigos e atuais da cidade de Entre Rios de Minas (MG), além de comparar as transformações no comer, promovidas pelas funerárias desta cidade e de Belo Horizonte. Para tanto, utilizei a metodologia da História Oral, como praticada no Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) da Universidade de São Paulo (USP). A partir das narrativas dos entrevistados foi possível analisar a comensalidade nos velórios, após a segunda metade do século XX, até a segunda década do século XXI. Para facilitar a compreensão dos argumentos apontados na pesquisa, este artigo está dividido em três partes. Primeiramente apresento a metodologia utilizada para obtenção das informações, onde faço também uma auto etnografia do campo de pesquisa. Em seguida, analiso os dados obtidos, referentes à cidade de Entre Rios de Minas, no recorte temporal que abrange a segunda década do século XX até 1994, quando é fundada a primeira funerária na cidade. Prosseguindo, apresento uma análise, do momento atual, baseada na comparação entre o serviço de buffet da funerária de Entre Rios de Minas após a chegada da casa funerária e o serviço de buffet de uma funerária de luxo da cidade de Belo Horizonte.

Metodologia

Entre Rios de Minas e Belo Horizonte foram as cidades escolhidas para desenvolver a pesquisa de campo. Entre Rios está localizada na região central de Minas Gerais, em 2019 conta com uma população de aproximadamente 15 mil habitantes. Fui moradora da cidade de Belo Horizonte, mas passei muitos finais de semana e períodos de férias em Entre Rios, durante minha infância. Portanto, são dois espaços de pertencimento e afeto, cujas memórias pessoais dos ritos fúnebres locais constituíram as primeiras observações desta pesquisa. Quando criança, na década de 1980, eu frequentava os velórios de Entre Rios, acompanhada por meus pais. À época, as pessoas eram veladas na sala de visitas, enquanto na copa havia uma mesa com quitutes variados (bolos, biscoitos, broas), café e pão-de-queijo, para alimentar quem que acompanhava o velório madrugada adentro. Foi justamente essa memória dos tempos de infância que me motivou a pesquisar as comidas servidas nos velórios da cidade, com um olhar atento às permanências e transformações sofridas ao longo do tempo por essa tradição.

Para coletar as informações utilizei a metodologia da História Oral, como praticada no NEHO, sob a coordenação do professor do departamento de História da USP, Carlos Meihy Sebe. Assim, as narrativas integraram o arcabouço do material oral, que foi cotejado com a historiografia e argumentos de certos autores, como Norbert Elias (2001), Glennys Howarth (2007) e José Luiz Maranhão (2017).

A entrevista é o cerne do trabalho em História Oral. Nessa pesquisa entrevistei pessoas



com disponibilidade para falar sobre o tema e, por questão de respeito, que não tivessem vivenciado recentemente a perda de um ente querido. Com exceção dos funcionários das casas funerárias, entrevistei pessoas acima de 60 anos, cujas memórias permitiram acessar histórias dos rituais fúnebres a partir de 1950 até a segunda década do século XXI. Em Entre Rios de Minas realizei cinco entrevistas no mês de janeiro de 2017 e, em Belo Horizonte, entrevistei uma pessoa, em setembro do mesmo ano.

Na pré-entrevista expliquei o tema da pesquisa aos narradores e, ciente de que falar sobre a morte e os ritos fúnebres poderia ser difícil em termos emocionais e, até tabu para alguns, indaguei a disponibilidade para relatar suas memórias. Como já esperava, no primeiro contato com os entrevistados, recebi expressões de espanto, acompanhadas por “cruz credo!”, “uai? Por quê?”, “que pesquisa mais esquisita!”. Pouco depois, passado o susto, inevitavelmente surgia uma gargalhada. A morte, então, passava de assunto inconveniente e, de certo modo, “pornográfico”, a tema engraçado, em um piscar de olhos. Essa situação remete ao que José Luiz de Souza Maranhão (2017, p. 15) afirmou, sobre o “fenômeno curioso” ocorrido em sociedades capitalistas, no espaço das últimas sete décadas: “à medida em que a interdição em torno do sexo foi se relaxando, a morte foi se tornando um tema proibido, uma coisa inominável. A obscenidade não reside mais nas alusões às coisas referentes ao início da vida, mas sim aos fatos relacionados com o seu fim”. Com essa ideia em mente, percebi que, ao longo das entrevistas, as narrativas tornaram-se mais fluentes e detalhadas, à medida em que foi se desenvolvendo uma relação de confiança, entre entrevistadora e entrevistado. Apesar de seguir um roteiro de perguntas, abri espaço para a fala livre, respeitando o fluxo narrativo dos interlocutores.

A primeira entrevista, que seria o “ponto zero”, a que deve orientar e indicar as seguintes, foi com Cláudio Cardoso, de 61 anos. Escolhi entrevistar Cláudio como ponto de partida pelo fato de que ele é um colecionador de memórias de Entre Rios, e conhecedor da história da região. Contudo, a entrevista não ocorreu como eu imaginava, apesar da transmissão de muitas informações sobre o passado da cidade. No entanto, as perguntas relativas aos velórios nas casas e as comidas ali servidas não surgiram em seu relato, por mais que eu insistisse no tema, pedindo que ele rememorasse como eram os velórios em sua família. Comecei, então, a me questionar se a cerimônia fúnebre em casa seria uma vivência íntima, compartilhada no âmbito familiar e, talvez, seria mais fácil obter dados com interlocutores de minha família.

Por esse motivo, as entrevistas seguintes foram efetuadas com minha prima Rute Miranda (60 anos) e minha tia, Maria da Consolação Rodrigues de Freitas (71 anos). O reconhecimento mútuo e a sensação de pertencimento presentes nas narrativas das duas entrevistadas potencializou nossa conversa, de modo que foi possível acessar seus sentimentos mais profundos e histórias que talvez não seriam contadas para alguém que não pertencesse à família. Minha tia indicou o próximo entrevistado, o Bispo Dom José (85 anos), que relatou algumas de suas experiências, vividas na época em que trabalhava na cidade de Divinópolis. O entrevistado seguinte foi o proprietário da Funerária Resende, Túlio Resende (45 anos), para analisar as transformações ocorridas em Entre Rios, com a fundação da empresa funerária. Para compreender os serviços oferecidos por uma funerária de luxo entrevistei, em Belo Horizonte,

a gerente administrativa da funerária Funeral House, Gleidi Braga (45 anos). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com exceção da entrevista com Gleidi, uma vez que o proprietário da Funeral House não permitiu a gravação.

Feitas as entrevistas, a etapa seguinte consistiu na elaboração de um texto, com base no registro da entrevista em áudio. A primeira etapa desse processo foi a transcrição literal da narrativa do colaborador. A segunda consistiu na textualização, quando o texto foi reorganizado a partir de indicações cronológicas e/ou temáticas, com o objetivo de facilitar a leitura, possibilitando uma compreensão do exposto pelo narrador. A última etapa foi a transcrição,¹ na qual recriei a fala dos narradores, inclusive com elementos extratextos, com o intuito de recriar a atmosfera e os sentimentos presentes na entrevista, com ajuda das anotações do caderno de campo e os aspectos da vivência junto aos entrevistados. Essa organização final do documento não se deu de modo aleatório, pois assumi aqui o compromisso com as ideias, com o contexto, e não apenas com as palavras literais. A validação das entrevistas foi a última etapa de interação com os meus interlocutores. Nessa fase, o texto final e transcrito foi apresentado aos entrevistados e foram verificados possíveis erros ou enganos. A conferência dos textos foi feita via telefone ou via e-mail. A seguir apresento a análise do conteúdo da fala dos interlocutores.

As memórias da comensalidade nos velórios de Entre Rios de Minas, de 1950 até 1994

Apresento a seguir os relatos dos meus narradores, habitantes de Entre Rios de Minas, sobre a época em que ainda não havia empresa funerária na cidade. A primeira percepção obtida a partir das narrativas foi a solidariedade entre a população, na preparação da cerimônia fúnebre. Quando morria alguém, amigos, familiares e vizinhos ajudavam em todas as etapas do velório, desde a toaleta do corpo até o momento do sepultamento. Desse modo, tratava-se de uma experiência coletiva no morrer, de maneira que os rituais fúnebres eram posicionados no patamar de um evento social, marcando um espaço de sociabilidade no qual a morte era motivo de congregação entre as diversas pessoas da comunidade. Como não havia uma casa funerária na cidade, todos se encarregavam dos preparativos, inclusive do preparo das comidas e bebidas que seriam servidas, como é possível observar nos seguintes relatos:

Quando morria alguém, as próprias pessoas da casa, vizinhos ou amigos da família preparavam a comida. Quando a minha mãe morreu, em 1992, a empregada estava de férias, mas ficou sabendo e veio para cá fazer o almoço. Isso porque veio muita gente de fora e ela foi enterrada à tarde.²

A minha mãe foi velada em casa (em 1993). Acho que foi o último velório

¹ Termo utilizado pelo Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO/USP) para definir o texto oral transcrito, depois de editado e modificado pelo autor.

² Entrevista realizada pela autora a Rute Miranda, em 04/01/2017, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.



*feito em uma residência na cidade. As vizinhas vieram me ajudar e uma delas trouxe umas camélias para colocar no caixão. Era uma dificuldade, aqui não tinha aqui funerária, não tinha nada. Nós é que tínhamos que preparar o corpo, o caixão, as comidas e o velório.*³

Geralmente, as famílias enlutadas serviam as comidas que já tinham em casa, como as quitandas⁴ e o restante do almoço ou do jantar. Caso o enterro fosse de manhã, era posta uma mesa com café, leite, bolos e biscoitos para alimentar os partícipes do velório durante a madrugada. Se o enterro ocorresse no fim da tarde era servido um almoço para alimentar, principalmente, os familiares que vinham de fora da cidade. Nas narrativas a seguir pode-se observar o que era servido nos velórios:

*Eu me lembro, quando eu era criança, durante os velórios, os responsáveis pela casa faziam café e iam lá na sala oferecer às pessoas. E o café era acompanhado de bolo e biscoito. Algumas casas faziam comida também. Se a pessoa morresse de manhã, faziam um almoço para as pessoas da casa e os familiares que iriam chegar. Isso quando o velório acontecia durante o dia e o falecido era enterrado à tarde. Nos velórios que aconteciam de madrugada, aí serviam café, biscoitos, pão.*⁵

Antigamente, os velórios eram feitos em casa e duravam a noite inteira. O povo ficava lá, tomando café, biscoito e até pinga. Os biscoitos eram feitos em casa, pois não tinha padaria na cidade. Era servido o que tínhamos em casa. As comidas servidas eram coisas simples, como café, pão, Toddy. Enquanto isso, as pessoas iam rezando um terço atrás do outro, a madrugada inteira. E ainda tinha o grupo de mulheres, as carpideiras, que eram pagas para chorar (risos). (...) A minha mãe foi velada em casa (em 1993).

*Era tudo muito difícil porque nós tínhamos que preparar tudo, até a comida. Os amigos e os vizinhos ajudavam. Nós enchíamos a mesa da copa de xícaras, enquanto ia sujando alguém ia lavando e repondo-as na mesa. Outras pessoas ficavam encarregadas de repor o café e os biscoitos. Antigamente também se fazia almoço, aquele panelão de comida! O defunto lá na sala e o povo comendo na copa ou na cozinha. No enterro do meu tio teve uma coisa diferente: serviram chá de camomila. Eu achei uma coisa boa. O chá estava sendo feito para as pessoas da família, mas o pessoal da roça ia lá e servia um bocadinho. O povo não tinha cerimônia não. Engraçado né?*⁶

É importante ressaltar que, ao contrário do que acontece em algumas sociedades tradicionais, como em sociedades africanas e indígenas, os atos de comer e de dividir a comida com os outros em cerimônias fúnebres nas cidades do interior mineiro não contavam com

³ Entrevista realizada pela autora, a Maria da Consolação Rodrigues Freitas, em 02/01/2017, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.

⁴ Em Minas Gerais, entende-se por quitandas o conjunto da pastelaria caseira, como bolos, roscas, broas, sequilhos e pão-de-queijo.

⁵ Entrevista realizada pela autora a Rute Miranda, em 04/01/2017, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.

⁶ Entrevista realizada pela autora a Maria da Consolação Rodrigues Freitas, em 02/01/2017, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.

uma conotação religiosa.⁷ Segundo os narradores, as comidas eram servidas para “sustentar”, para alimentar aqueles que permaneciam nos velórios por longas horas. Diferentemente dos rituais funerários africanos praticados pelos escravos no Brasil, por exemplo, os atos de comer e beber estavam diretamente relacionados com a espiritualidade. No Brasil colonial, os ritos de passagem africanos assustavam os europeus, pois, aos seus olhos, mais aparentavam uma “festa” (Reis, 1991, p. 52). Nas Minas Gerais do século XVIII, mais precisamente no ano de 1726, o bispo D. Antônio de Guadalupe expressou espanto com os cortejos fúnebres africanos. O então bispo protestou que escravos africanos faziam “ajuntamento de noite com vozes e instrumentos em sufrágio de seus falecidos ajuntando-se em algumas vendas, onde compram várias bebidas e comidas, e depois de comerem lançam os restos nas sepulturas” (Campos, 1987, p. 14). Trata-se de um testemunho da tradição africana, na qual as oferendas em forma de comidas deveriam ser levadas aos túmulos, para que os mortos também participassem do banquete festivo em suas despedidas.

Em Minas Gerais, o serviço da refeição fúnebre devia-se mais à hospitalidade e à representação do que é considerada como forma de gratidão e de “receber bem” os partícipes, um atributo de significativa importância na cultura mineira. Assim, a oferta de comidas e bebidas transcendia a simples intenção de sustentar os enlutados no decorrer do velório, demonstrando sua dimensão cultural, na medida em que representava o costume e a tradição de um povo. O mesmo foi observado nas cerimônias fúnebres caipiras, segundo os estudos do antropólogo Renato da Silva Queiroz (1983), que pesquisou e entrevistou moradores de uma comunidade rural no Vale do Ribeira, estado de São Paulo.⁸ O território mineiro também integra o que Antônio Cândido (2010, p. 35) considera como o “universo caipira”. Segundo o autor, o caipira é um morador do campo, fruto da evolução histórica do grupo social radicado em São Paulo, ou melhor, na região conhecida como Paulistânia, que engloba não apenas São Paulo, como grande parte de Minas Gerais, Goiás, o atual Mato Grosso, o Paraná e, de certa maneira, Rio de Janeiro e Espírito Santo são afins.

Devido às semelhanças culturais entre os habitantes desse universo caipira, o estudo de Queiroz (1983), apesar de englobar uma localidade do estado de São Paulo, complementa e nos traz referências sobre as cerimônias fúnebres do interior mineiro. Tal como os meus narradores, o autor relata que, quando morria alguém, todos logo se juntavam na casa do falecido, lá permanecendo até a saída do corpo para o sepultamento. Durante esse tempo eram servidos bolinhos, outros tipos de alimentos e café aos presentes. A cachaça também deveria ser servida, caso contrário os presentes falariam mal da família do morto. Na conclusão do autor, o funeral e as práticas a ele associadas surgiam “como momentos privilegiados de intensificação das formas de sociabilidade, favorecendo a reunião de moradores do povoado e de núcleos vizinhos, suprimindo o afastamento e a solidão” (Queiroz, 1983, p. 250).

O costume de tomar cachaça, de “beber o morto”, também foi muito praticado em Entre Rios até, pelo menos, a década de 1980. No universo da cultura interiorana, esse ato

⁷ Sobre os ritos fúnebres em sociedades africanas e indígenas, ver: Ramalho (2008), Luccock (1942), Del Priore (2016) e Saraiva (1998).

⁸ O autor não cita o ano ou a época em que a pesquisa de campo foi feita. O artigo em questão foi apresentado no Seminário “A morte e os mortos na sociedade brasileira” (FFLCH-USP), em 1982.

conta com uma resignificação do costume africano, ainda que imbuído de uma esfera mística. “Beber o morto” era uma prática genuinamente de origem africana, mais especificamente advinda dos escravos bantos vindos da África Ocidental e Central. Entre os povos banto, por exemplo, quando morria alguém da comunidade, as pessoas tomavam o marufo, uma bebida alcoólica feita a partir da fermentação da seiva de uma palmeira, típica de Angola. Essa prática espalhou-se por todo Brasil, do litoral ao interior, cuja bebida tradicional passou a ser a cachaça. “Beber o morto” era também uma parte importante do gurufim, ritual de forte influência da cultura africana, descrito pelo folclorista Edison Carneiro (1972) como uma brincadeira que acontecia nas favelas do Rio de Janeiro e de em São Paulo durante a guarda do morto. O gurufim era uma alternativa para comunidades pobres prestarem a última homenagem ao ente querido. Como os parentes do falecido não tinham dinheiro para alugar as capelas dos ricos, optavam por velar o corpo na própria sala de jantar (Carneiro, 1972). E assim, com intervalos de rodadas de pinga, cerveja e café, alguns salgados ou sanduíches, os moradores das favelas cariocas e paulistas distraíam o velório de amigos e conhecidos. Os quitutes eram preparados pela família durante a madrugada. Os comes e, principalmente, os bebes, atraíam pessoas de toda a comunidade. Ninguém queria perder a “boca livre” e, como todos eram convidados, não tinha como evitar o aglomerado de pessoas no local. Esse ritual manteve-se muito popular nas comunidades pobres do Rio de Janeiro até os anos 1960. Segundo o sambista Wilson das Neves: “velório para os pobres se chama gurufim. E gurufim de verdade, sempre acaba em samba. É uma festa de despedida para a alma do morto seguir feliz até o céu. Mas hoje em dia não tem isso mais não. Só acontece em casos especiais como na despedida do Mário Lago.”⁹ Longe de ser um desrespeito com o falecido e sua família, o último adeus com bebida, música e dança já não é tão mais comum como antigamente, sendo lembrado com saudade pelos mais velhos¹⁰ (Santos, 2008).

Já na cidade de Entre Rios de Minas, tomar cachaça no velório de alguém, com direito a brindes, significava, entre outras coisas, fazer uma homenagem ao falecido. Como parte do ritual, algumas pessoas jogavam um pouco de cachaça no chão antes de ingeri-la para lavar os pés e afastar a morte de si, ou mesmo para oferecer ao santo de devoção. Para os meus entrevistados, o consumo da cachaça ajudava a espantar o frio e aguentar a madrugada em vigília. Bebia-se à vontade, não havia restrições na quantidade do consumo de bebida alcoólica, assim como, também não havia tabus em relação ao consumo de carne vermelha. Desse modo, a “festa triste” seguia madrugada adentro regada à pinga, tira-gostos e até gargalhadas:

Aqui tinha o costume de “beber o morto”, você conhece essa gíria? Antigamente, a gente ia para o velório e ficava lá na cozinha da casa bebendo pinga, fritando uma linguicinha, fritando uma batatinha e batendo papo. E todo mundo bebia, homens e mulheres. Para aguentar a noite acordado e por causa do frio, tinha que ter uma cachacinha.

⁹ DANÇAS FOLCLÓRICAS. *Gurufim*. Sábado, 2 de julho de 2011. Disponível em: <https://dancasfolcloricas.blogspot.com.br/2011/07/gurufim.html> Acessado em : 19.07.2017

¹⁰ Idem.



Teve uma vez que a gente ainda foi para o bar beber cerveja.¹¹

Muitas pessoas se reuniam na cozinha da casa do falecido para tomar pinga, café, comer um tira gosto, para aguentar passar a noite lá. Alguns parentes meus ficavam meio bêbados (risos). E contavam piada, dando gargalhada e a gente lá na sala ouvindo tudo. Comia-se qualquer coisa, as pessoas não tinham problema nenhum em comer carne. Muitas vezes, comia-se o que tinha sobrado das outras refeições.¹²

Com tanta cachaça, café e comidas à vontade, não faltava aquela pessoa que frequentava os velórios da cidade com a única intenção de comer. Era a figura do “comilão dos velórios”, nas palavras do bispo Dom José, citando um acontecimento na cidade de Divinópolis:

Divinópolis é uma cidade que, atualmente, tem entre 230 e 250 mil habitantes. É uma cidade de um bom tamanho, que tem muitos cemitérios, que eu me lembre, uns 3 ou 4. E lá tinha um sujeito que se especializou em velório, mas para isso ó (gesto indicando o ato de comer). Ele não gastava dinheiro com comida, porque ele só comia em velórios. Então, por volta de meio dia, quando as rádios davam a notícia de quem tinha falecido na cidade, ele tentava adivinhar quem era o mais rico. Se ele não gostasse da comida, ele ia em outros velórios, até acertar qual era o que tinha mais comida. Ali ele ficava e passava a noite. Ele era o comilão dos velórios. Eu cheguei em Divinópolis em 1989 e saí de lá em 2009. Durante esse tempo todo ele fazia isso.¹³

Ao contrário dos “comilões”, havia quem não gostasse de comer em velórios. De acordo com Rute Miranda, algumas pessoas não comiam nada e não tomavam sequer um copo de água. Dependendo do motivo da morte ou da dúvida acerca da higiene dos que manipularam o corpo do falecido, algumas pessoas consideravam o ambiente fúnebre como risco iminente para os vivos: “As pessoas ficavam cismadas, às vezes por motivo de higiene ou pelo medo do falecido ter morrido por uma doença contagiosa, como a tuberculose”.¹⁴

De um modo ou de outro, as comidas e as bebidas não podiam faltar nos velórios. Ainda que os familiares do morto não oferecessem nada, dava-se um jeito de ter o que comer ou beber na cerimônia fúnebre. Como exemplo, uma história narrada por Déa Rocha (2008, p. 76), ocorrida na região Centro-Oeste de Minas Gerais. “Seo Epaminondas” era um grande fazendeiro, porém um homem de hábitos simples e muito solidário. Não se sabe a partir de qual data, ele decidiu frequentar todos os velórios da vila e de seus arredores. “Seo Epaminondas” era um grande apreciador dos cafés e quitandas servidos à noite nos velórios. Certa vez, velando um desconhecido, percebeu que a viúva, chorosa, não iria providenciar nem o café, muito

¹¹ Entrevista realizada pela autora a Rute Miranda, com comentário do seu marido, Gilberto Miranda, em 04/01/2017, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.

¹² Idem.

¹³ Entrevista realizada pela autora ao Bispo Dom José Belvino, em 02/01/2107, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.

¹⁴ Entrevista realizada pela autora a Rute Miranda, em 04/01/2017, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.

menos os biscoitos. Ele, então, organizou uma vaquinha para mandar buscar quitandas, caldo de feijão e uma cachaça. “Defunto a seco não dá e ainda está bem frio hoje”. A viúva, quando percebeu o que estava acontecendo, ofereceu-se para contribuir com algum dinheiro. “A resposta veio rápida: “Não, minha senhora, não carece. A senhora já contribuiu com o defunto. O resto é com nós”.

A comensalidade nos velórios atuais em Entre Rios de Minas e Belo Horizonte

As narrativas sobre a comensalidade nos velórios de Entre Rios de Minas foram analisadas, quando esses ocorriam em residências, antes de 1994, quando foi inaugurada uma casa funerária. No início dessa pesquisa, pensava que, com a chegada da funerária em Entre Rios, as comidas deixariam de ser servidas nos velórios. No entanto, não foi o que ocorreu. Esse costume permaneceu, tanto em outras cidades do estado quanto na capital, em Belo Horizonte. O que aconteceu de fato foi uma transformação, proporcionada pelas funerárias, na forma de servir comidas e bebidas em velórios. Em Entre Rios de Minas, com a chegada da Funerária Resende em 1994, as pessoas deixaram de ser veladas em casa, para serem veladas em um espaço próprio da funerária. A partir dessa mudança, indaguei aos entrevistados se eles preferiam velar seus entes queridos em suas residências ou na casa funerária. A princípio, pensei que as pessoas poderiam se recordar dos velórios em casa com certa nostalgia. No entanto, as lembranças tristes e as dificuldades no preparo do cortejo fizeram com que a fundação da empresa funerária representasse um alento.

Cuidar do corpo, preparar o velório e o enterro, significa muito sofrimento para a família. São coisas tristes que marcam a gente. Por isso, eu acho melhor deixar por conta da funerária.¹⁵

Agora, com a funerária, é diferente. O corpo já sai de lá pronto, arrumado, isso dá um conforto pra gente. Lá na funerária, o velório é mais fácil, tem um quarto, tem cozinha para fazer café, tem banheiro. E esse negócio de velar fora de casa ficou muito bom porque facilita e é higiênico. Além disso, é confortável, tem lugar para deitar, dormir. Isso é muito bom, porque a gente não tem força emocional para ficar arrumando a pessoa que faleceu. Emocionalmente é muito ruim, sabe? Não sou só eu que acho melhor deixar por conta da funerária. Todo mundo acha.¹⁶

Além das dificuldades emocionais no lidar com a preparação do corpo, o velório realizado em ambiente doméstico deixava marcas tristes e más lembranças espalhadas pela casa. Espaços e objetos provocavam, involuntariamente, reminiscências que preferiam ser esquecidas.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Entrevista realizada pela autora a Maria da Consolação Rodrigues Freitas, em 02/01/2017, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.

Depois do velório feito em casa, ficava aquela imagem na cabeça... Durante um bom tempo, a gente não se esquecia do lugar em que a pessoa morreu, onde o corpo foi preparado e onde a pessoa foi velada na casa.¹⁷

Quanto à preparação das comidas, tanto para Rute quanto para Maria da Consolação, tratava-se de uma tarefa pesada, dada a falta de condições emocionais para o preparo ou para pensar no que servir. Com o corpo sendo velado na funerária não há mais essa preocupação. Outros problemas relativos aos velórios em casa citados dizem respeito aos roubos e à exposição da intimidade dos moradores.

Outro problema do velório feito em casa, é que as pessoas se aproveitavam para roubar. Tinha que tirar tudo da casa. Cada um que vinha, levava alguma coisa. E o povo entrava na casa toda. Hoje em dia é um perigo isso.¹⁸

A gente carrega a lembrança de velórios feitos em casa como uma época muito triste. Eu acho que no velório feito em casa a gente expõe a nossa vida para muitas pessoas que não conhecemos. Eu não acho isso bom. Eu acho melhor ter um lugar próprio para isso, como tem aqui na nossa cidade.¹⁹

Para o bispo Dom José, as pessoas preferem contratar os serviços da funerária por uma questão de comodidade:

Agora as pessoas preferem fazer os velórios na funerária, porque o povo está ficando um pouco mais materialista. As pessoas, para não atrapalhar a casa, para não ter que oferecer café para os outros, preferem fazer em um lugar assim, pois o defunto dá menos trabalho.²⁰

De certa forma, a fala do bispo Dom José apresenta pontos que possuem elementos em comum ao que Norbert Elias (2001, p. 30) afirmou sobre o fato de que, no mundo moderno, cada vez mais se tolera menos o corpo doente ou o morto nas casas, seja por questões higiênicas ou por falta de condições emocionais e psicológicas para lidar com a situação. Assim, a morte é cada vez mais empurrada para longe do convívio dos vivos e empurrada para debaixo do tapete dos bastidores da vida. Ainda segundo o autor, nunca antes as pessoas morreram de forma tão silenciosa e em perfeitas condições de higiene como nas sociedades modernas e em condições tão propícias à solidão. Nas funerárias, os funcionários são preparados com cursos, treinamentos e especializações para que os vivos não precisem lidar com o corpo do morto

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Entrevista realizada pela autora a Rute Miranda, em 04/01/2017, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.

²⁰ Entrevista realizada pela autora ao Bispo Dom José Belvino, em 02/01/2017, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.

nem com seu destino.

A preparação do cortejo, por sua vez, requer rapidez e atenção a vários aspectos. O agente funerário Túlio Resende compara a organização do velório, ao que chamou de uma “festa triste”, à organização de um casamento. No entanto, diferentemente do casamento, que é preparado com antecedência, o velório é um evento que deve ser organizado em poucas horas.

O que a gente faz na funerária é como organizar uma festa, uma festa triste. É como um casamento: você tem que arrumar a certidão, no caso, a certidão de óbito. Tem que arrumar a roupa da noiva - tem que arrumar a roupa do falecido. Se você for comparar, é tudo igual. Você precisa de um lugar para velar - você precisa de um lugar para casar. Tem que arrumar a comida, tem que ver o local onde vai ser a festa - tem que ver o lugar onde vai sepultar. As flores para ornamentar a igreja. É tudo igual, porém triste. O que nós fazemos é tentar fazer o ambiente ficar mais agradável. Nós oferecemos um local para a realização do velório, onde tem um quarto para as pessoas repousarem, um banheiro e temos o kit lanche, um dos maiores atrativos da Funerária Resende.²¹

Túlio considera de extrema importância o serviço de comidas e bebidas nos velórios, pois é preciso alimentar e confortar os vivos. O lanche servido pela funerária é uma cortesia e conta com bolos, biscoitos, sanduíches (tudo embalado individualmente), sucos e café. O cardápio varia conforme a estação do ano. No verão, as comidas são mais leves, sem maionese e certos alimentos perecíveis, itens com carne. No inverno são servidos caldos e sanduíche de carne, o carro-chefe do lanche. A funerária dispõe de carros adaptados que são destinados especificamente para o transporte dos lanches. Ainda de acordo com Túlio, as pessoas comem bastante nos velórios e, como antigamente, ainda existem “os comilões dos velórios”. Adicionalmente, há aquelas pessoas que querem levar o lanche para casa. Devido aos casos de abuso, Túlio deixa claro para a família que não há reposição do lanche.

Nas cidades maiores, as empresas funerárias vêm investindo em serviços sofisticados de buffet. São as chamadas funeral homes, inspiradas nas casas funerárias dos Estados Unidos. É o caso da Funeral House, em Belo Horizonte, inaugurada em 2011. Na Funeral House, entrevistei a gerente administrativa Gleidi Braga. A empresa está localizada em um casarão antigo, tombado pelo Patrimônio Histórico, na Avenida Afonso Pena. A empresa oferece serviços de alto luxo, como o transporte da urna em um Cadillac adaptado, comes e bebes servidos por garçons, chuva de pétalas arremessadas por um helicóptero, balões brancos na hora da despedida, e velório transmitido ao vivo pela internet. Um velório com todos esses serviços pode custar até 50 mil reais. Engana-se quem pensa que somente pessoas da classe A contratam esses serviços. Segundo Gleidi Braga, pessoas da classe C também são clientes dos serviços de luxo, pois algumas economizam com o propósito de ter um velório “com toda pompa”.

A gerente administrativa destaca que as comidas servidas nos velórios realizados na

²¹ Entrevista realizada pela autora ao agente funerário Túlio Resende, em 04/01/2017, em Entre Rios de Minas, Minas Gerais, Brasil.

Funeral House são um atrativo. Além de oferecer um serviço de buffet personalizado, a casa possui uma lanchonete e um whisky bar. O serviço de buffet é terceirizado e opcional. Um buffet com preço médio de R\$ 31,00 por pessoa oferece as seguintes opções: pão-de-queijo, rissole de milho ou alho-porró, folheados, empada de frango, dois tipos de petit four, coxinha, dois tipos de bolo, café, sucos, água mineral, chás e refrigerantes. Para um serviço com duração de 4 a 5 horas, nesse orçamento estão incluídos dois garçons. De acordo com a gerente administrativa, são poucas as famílias que contratam almoço, sendo que os carros-chefes do buffet são o pão de queijo e os doces. Espumantes e vinhos podem ser levados pelos clientes ou adquiridos no buffet.

Para atender à exigência da Vigilância Sanitária, os utensílios como copos, talheres e pratos são descartáveis. Caso a família prefira louças e vidros, é cobrada uma taxa especial de lavagem, já que elas devem passar por um processo específico de esterilização. Como lembrança aos partícipes, a casa oferece o “bem-velado”, uma versão do tradicional bem-casado. Ele vem disputando com os tradicionais santinhos a preferência, como lembrança dos falecidos. Gleidi ressalta que as pessoas costumam comer bem nos velórios realizados na casa. O proprietário alega que o serviço de comidas e bebidas da funerária tem como objetivo resgatar a tradição dos velórios antigos e proporcionar conforto aos enlutados.

Os rituais fúnebres se transformaram significativamente ao longo do tempo. Neste artigo busquei retratar de que forma os velórios simples organizados pelas próprias famílias passaram pelo processo de mercantilização na sociedade contemporânea. De acordo com Howarth (2007, p. 43), nas sociedades ocidentais, devido aos processos de urbanização, o crescimento das indústrias e de individualização, sobretudo nos séculos XIX-XX, a organização de funerais e/ou de cremação passou a ser institucionalizada e burocratizada. A responsabilidade pela organização dessas práticas tornou-se atribuição de especialistas. Segundo Maranhão (2017, p. 5), “não se morre mais como antigamente”, pois as atitudes do homem ocidental perante a morte e o morrer mudaram profundamente a partir da década de 1940. Apesar de manter traços que lembram os costumes antigos, seu sentido original se transformou. Quanto às comidas, elas continuam presentes nos velórios, porém, a intencionalidade mercantil, presente em todas as etapas do cortejo fúnebre, distanciou o serviço de comidas de seu “sentido original”. Os comes e bebes, que antes serviam para sustentar os enlutados e sinalizar a hospitalidade dos familiares do morto, passaram a ser uma oportunidade de negócio, um diferencial para as empresas funerárias conquistarem mais clientes. Ainda que se mantenha a intenção de manter uma tradição, o serviço de buffet é, também, nas mãos das funerárias, mais uma fonte de ganho, mesmo que servida como “cortesia”.

Outra transformação evidente nos velórios atuais é a exigência em relação à higiene do serviço de comidas e bebidas, que, por sua vez, é fruto de um processo da higienização da morte, ocorrido no Brasil a partir da segunda metade do século XIX e, mais tarde, do processo da industrialização do morrer. Nas funerárias mais simples, as embalagens individuais aparecem como uma prova do cuidado com a limpeza da comida, devendo ficar evidente aos olhos dos comensais. Nas funerárias mais sofisticadas, réchauds, louças e copos são esterilizados, atendendo rigorosamente às normas da Vigilância Sanitária.



Ainda, nas funerárias que prestam serviços de luxo, o movimento de gourmetização que tomou conta do Brasil na última década não poupou a cerimônia fúnebre. Denomino aqui de gourmetização o movimento que busca transformar os elementos da gastronomia cotidiana, tradicional ou simples em produtos refinados, utilizando ingredientes sofisticados, modificando a preparação ou o modo de servir. Assim, bem-casados são reinventados, ganhando formatos inovadores, novas cores e novo nome, salgadinhos tradicionais ganham opções vegetarianas e ingredientes importados, comidas e bebidas prezam pela alta qualidade, tudo para agradar aos paladares mais exigentes.

Em conclusão, considero a importância das cerimônias fúnebres na nossa sociedade como forma de ajudar os vivos a atravessar o processo de luto. Em concordância com Norbert Elias (2001, p. 10), no luxo ou na simplicidade, “a morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas”. Portanto, a morte não se restringe aos falecidos, cabendo aos vivos lidar com a administração da perda e do luto. Como afirmou João José Reis (1991) sobre os rituais funerários do século XIX, que julgo também tratar-se de uma verdade também para o século XXI, a reunião dos vivos, solidarizando-se para “despachar o morto”, recupera algum equilíbrio, perdido com a morte, afirmando a continuidade da vida. Quanto maior a difusão de signos, quanto mais gestos e objetos simbólicos for capaz de produzir, maior a potencialidade de ser vivido como um ritual de “descompressão”. Segundo Van Gennep (1978, p. 113), os rituais de passagem são cruciais para a revitalização do grupo ou da cultura. Eles demarcam o ciclo, as etapas da vida e muitos ritos funerários indicam a ideia de que a sequência de atividades humanas se completou. Neste sentido, a sociedade toma ciência do término das relações sociais.

Durante o ritual fúnebre, a comida assume um papel de promover conforto e alento aos vivos, muito além de simplesmente sustentá-los, como afirmaram os interlocutores. Esse conforto é expresso tanto na hospitalidade da família do morto para com os partícipes, assim como no consumo de alimentos que possam promover, além da saciedade, uma sensação de bem-estar. De acordo com o psicólogo da nutrição Brian Wansink (2007, p. 111), alguns alimentos, principalmente aqueles relacionados às boas lembranças, tendem a proporcionar conforto psicológico às pessoas. São as chamadas *comfort foods*. Compartilhando a opinião da personagem Nacha, do livro “Como água para chocolate”, de Laura Esquivel (1993), considero que “com pão, a tristeza é menor”. Velório que se preze deve ter comida, minha opinião, talvez por gostar das tradições, talvez por também ser uma “comilona dos velórios”.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Adalgisa. Considerações sobre a pompa fúnebre na capitania das Minas no século XVIII. *Revista do Departamento de História da UFMG*, n. 4, p. 3-24, 1987.

CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. 336p.



CASCUDO, Luís da Câmara. *Anúbis e Outros Ensaios: mitologia e folclore*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983. 218p.

CARNEIRO, Edison. Trabalhos fúnebre populares. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 1972, s/p. In: Classificação Decimal Universal, CDU\393 A 394.211 RITUAIS/FESTAS/JOGOS. Disponível em: docvirt.com. Acessado em: 10/10/2017

DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira*. Volume 2, Império. São Paulo: LeYa, 2016. 520p.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001. 107p.

ESQUIVEL, Laura. *Como água para chocolate*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 256p.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha e RASIA, José Miguel. Rituais fúnebres em memórias de velhos. *Revista Horizonte*. Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 1113-1130, dez. 2011.

HOWARTH, Glennys. *Death & dying: a sociological introduction*. Cambridge: Polity, 2007. 301p.

LOPES, Maria Antônia. Os alimentos nos rituais portugueses (1850-1950). In: ARAÚJO, Maria Marta Lobo de; LÁZARO, António Clemente; RAMOS, Anabela e ESTEVES, Alexandra (Coords.), *O tempo dos alimentos e os alimentos no tempo*. Braga: CITCEM, p. 167-179, 2012.

LUCCOCK, J. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818. São Paulo: Livraria Martins, 1942. 435 p.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é morte*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1ª. Ed. eBook, 2017. 63p.

QUEIROZ, Renato da Silva. A morte e a festa dos vivos. In: MARTINS, José de Souza (Org.) *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Hucitec, 1983. 330p.

RAMALHO, Moisés. *Os Yanomami e a Morte*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. 163 p.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 357p.

ROCHA, Déa Rodrigues da Cunha. *Os comes e bebes nos velórios das Gerais e outras histórias*. São Paulo: Auana, 2008. 95p.

SANTOS, Eloy. O gurufim do Jamelão. *Jornal O Globo*. Publicado em 18.06.2008. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/mat/2008/06/18/o_gurufim_de_jamelao-546856733.asp>. Acessado em: 17.07.2017>

SARAIVA, Maria Clara. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa, n. 12 Edições Colibri, 1998, p. 121-156.

SILVA, Victor Rafael Limeira da e MEDEIROS, Lucas Gomes de. Contos e prantos da memória sertaneja sobre os rituais fúnebres nas décadas de 30 a 60 do século XX. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Coimbra, v. 16, p. 497-518, 2016.

TAVARES, Thiago Rodrigues. Religiosidade e morte no interior de Minas Gerais. *Revista Teoria e Cultura*. Juiz de Fora, v. 7, n. 1/2, p. 91-101, jan./dez. 2012.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais etc. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 184p.

WANSINK, Brian. *Por que comemos tanto?* Não é apenas a nossa fome que determina o que comemos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 226p.

Recebido em: 13 de julho de 2018

Aprovado em: 27 de outubro de 2018

